

# BLUMENAU EM CADERNOS

TAXA PAGA  
AUTORIZAÇÃO Nº. 48  
DECT DR S.C.



**TOMO XVI**

**Junho de 1975**

**Nº. 6**

## CANTO DOS COOPERADORES

**Esta publicação pode sobreviver  
graças à generosa contribuição dos  
seguintes cooperadores**

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A. - Blumenau

Tabacos Blumenau S/A. - Blumenau

Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau

Artex S/A. - Blumenau

Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau

Companhia de Cigarros Souza Cruz - Blumenau

Artur Fouquet - Blumenau

Georg Traeger - Blumenau

Electro Aço Altona S/A. - Blumenau

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau

Fundação Teófilo Zadrozny - Blumenau

Transportadora Vale do Itajaí Ltda. - Blumenau

Felix Hauer - Curitiba

Conrado Hildefonso Sauer - Rio de Janeiro

Fritz Kuehnrich - Blumenau

Armen Mamigonian - Presidente Prudente S. P.

Companhia Industrial Schlösser S/A. - Brusque

Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau

Malharia Blumenau S/A. - Blumenau

Gráfica 43 S/A. - Ind. e Com. - Blumenau

Consulado Alemão - Blumenau

Dr. Jucy Varela - Caçador

# Blumenau

## em Cadernos

TOMO XVI

JUNHO DE 1975

Nº. 6

### CARTA DA ALEMANHA

#### PROFESSOR DR. HERBERT KOCH ESCREVE PARA "BLUMENAU EM CADERNOS"

*Prezado Senhor Allende:*

*O senhor certamente entenderá melhor o meu alemão, que se eu me atrevesse a escrever em português. Cheguei à Blumenau em 1917. Minha esposa faleceu no dia 12 de outubro de 1974. No dia 3 de maio estarei festejando meus 89 anos de idade. A minha melhor lembrança é ainda os dois anos que pude passar em sua linda Blumenau nos anos de 1917 a 1919.*

*Certamente não existem muitas pessoas que se lembrem destes dois anos, e deve-se perguntar, se a lembrança delas não é menos vaga que a minha. Se este artigo lhes parecer importante para a publicação no seu instrutivo "BLUMENAU EM CADERNOS", o senhor é quem decide, um tradutor, o senhor certamente o terá; eu poderia fornecer outros artigos, mas resta saber, se há interesse.*

*Se alguém lá, ainda se lembrar de mim, dê lembranças minhas de coração, senão estendo-as ao senhor. São os meus melhores desejos.*

*ass.) Herbert Koch*

### BLUMENAU 60 ANOS ATRÁS

Não é fácil lembrar depois de 60 anos, não é fácil se lembrar de meses e anos, mesmo se foram impressionantes e ricos em convivência, apesar da memória de uma pessoa de 90 anos falhar mais, de hoje para amanhã e ainda mais quando todos aqueles, que compartilharam das alegrias e tristezas que podiam recordar o passado, preferiram se afastar para sempre. Justamente, porque aqueles bons e ruins acontecimentos tanto me impressionaram, me ajudaram na formação social e espiritual, vou tentar, pelo menos assegurá-los, antes que a graça de Deus me silencie para sempre.

Em 1910 em JENA, minha terra natal, em THÜRINGEN fiz doutorado em filosofia e “pro facultate docendi” como professor de curso superior, passei os dois anos de pós graduação, aí solicitei ao ministério de negócios exteriores do Império para lecionar em escolas alemãs no exterior, o meu desejo era ver e conhecer o mundo além mar.

Eu fui surpreendido por um telegrama de Berlim; — Si aceitável docentura pedagogia, procurar embaixada da Argentina nesta; dentro de três dias eu tinha o contratô no bolso.

O governo argentino fundou em 1903 o “Instituto Nacional del Profesorado Secundário”, onde alguns alunos, que concluíram o curso colegial com êxito, podiam se formar como professores de um colégio depois de um curso de quatro anos. Este instituto se constituiu de vários departamentos “para Quimica, Fisica, Geografia, História, etc. — os quais eram dirigidos por professores alemães, só para francês, foi chamado um da França, mas já para o inglês, não foi um da Inglaterra, e a direção tinha um “professor de pedagogia” — todos os estudantes tinham que estudar durante três anos os fundamentos da pedagogia moderna. Mas paralelamente, as instruções profissionais, os estudantes tinham que ser introduzidos na fase de lecionar.

A primeira guerra mundial surpreendeu-nos no Rio de La Plata. Em 1916 o contrato do francês não foi renovado, ele fez observações anti-germânicas no ensino e o governo argentino achou incompatível com sua neutralidade renovar contratos com pessoas de nacionalidade de um dos países em guerra. Para nós alemães, deram uma esperança; nossos contratos terminavam no dia 30 de junho de 1917 e até lá uma vitória alemã teria acabado a guerra, assim os nossos contratos poderiam ser renovados, mas nós nos enganamos, perdemos nosso emprego e trabalho, a embaixada da Alemanha em Buenos Aires nos ajudou, depois de duas a três semanas me perguntaram, se podia responder favoravelmente a proposta dela — “procurando diretor de escola para Blumenau”, o que me restou?

Como os ingleses retiravam dos navios todos os passageiros de nacionalidade alemã, eu tive que viajar com minha esposa e dois filhos de 6 e 2 anos, pela estrada de ferro de Montevidéo sobre Livramento até Joinville, e de lá com uma carroça até Blumenau. Hospedados no Hotel Holetz, caímos em sono profundo de muitas e muitas horas, depois desta viagem fatigante de quatro dias.

Em frente do hotel o velho “Papa Blohm” tinha um armazém de gêneros alimentícios; ele era presidente do “Deutscher Schulverein”.

Quando eu o visitei, ele mandou chamar um senhor bem mais jovem, Sr. Schrader, que era o tesoureiro do “Schulverein” e tinha por perto uma loja, os dois me informaram do mais necessário. Como a nossa permanência no hotel, seria um preço muito elevado, eles me recomendaram uma pequenina casa para alugar, situada no fim da mais importante rua anexa ao hotel; dois quartos e um pequeno cômodo, onde em um fogão improvisado, podia-se cozinhar algo, nos fundos, um jardim, cheio de ervas daninhas, tinha um rancho, miseramente levantado sobre um riacho, no qual tudo caía o que se deixava em pé ou sentado, numa tábua fraca com um buraco redondo no meio.

A mesma água do riacho servia para lavar e beber, “só por uns dias”, depois de três semanas, nós nos mudamos para a casa do pastor, que estava desocupada.

A “Escola Nova” localizava-se na “Palmenalee”, rua das Palmeiras — hoje, Alameda Duque de Caxias — e a média de alunos era de cem crianças, entre rapazes e meninas. O diretor até então, o senhor Buechler, deixou seu cargo e mudou-se com a família para São Paulo, onde aceitou um cargo na editora e tipografia da firma “Weissflog”, na qual ele podia dar um progresso respeitoso; essa firma, ainda hoje é conhecida e respeitada também fora do Brasil, como “Melhoramentos Paulistas”.

A Blumenau de então, só tinha uma rua principal, ficava na margem direita do rio Itajaí e entre as casas grandes e pequenas, que ladeavam esta rua, cresciam árvores frutíferas; algumas das casas eram construídas de andar térreo e sótão, sendo repartidas em quatro cômodos cada — as mais modestas, contentavam-se com o andar térreo.

O Vale aqui era muito estreito para se desenvolver, uma grande jardinagem ou uma coisa parecida com lavoura. Três vezes por semana vinha um vapor de Itajaí, um porto no Atlântico, distante de Blumenau, cerca de 50 quilômetros ao leste.

O vapor arrimava no porto — isto é, uma meia dúzia de tábuas compridas, pregadas em cima de uns moirões grossos e quando o vapor anunciava a sua chegada com uma sirene, toda a população, grandes e pequenos invadiam o porto. O vapor pernoitava e seguia viagem rio abaixo no dia seguinte.

O lugarejo não devia ter mais de três mil habitantes; existiam duas igrejas: uma, perto da rua das Palmeiras, era a protestante, no morro em frente, a católica, no lado desta, o colégio. Ali moravam e lecionavam os padres Franciscanos.

A covizinhança dos católicos e protestantes era de penosa tensão: todos os dois lados lamentavam, mas da qual todos achavam que tinham razão.

Isto foi tão longe, que por exemplo carne, pão e verdura, só foram vendidos “Conficcional separados” e um membro da administração da escola muito cortês e correto, chamou a atenção de minha senhora, que não era compatível com o meu cargo protestante, comprar em armazém católico; em mente, um certo dia, a nossa empregada nos pediu entre lágrimas, poder deixar a nossa casa, porque o padre achou inconveniente a ajuda dela em casa de protestante; eu mesmo fui olhado com maus olhos pelos “competentes”, porque fui visto muitas vezes conversando com o padre Stanislau Schaette, que também frequentava a minha casa; naturalmente, eu nunca confessei, que ele era o único cidadão, com quem se podia conversar assuntos, além da vida cotidiana.

No entanto, tinha lá um médico, Dr. Gensch, mas também ele era um OUTSIDER. Casado com uma senhora muito culta e admiravelmente versada nos livros, não tendo filhos, adotaram uma pequena índia Botocuda. Os índios Botocudos, que de vez em quando se aproximavam ameaçadoramente dos limites Leste do município de Blumenau, retirando-se

depressa depois de um assalto, deixaram uma pequena índia; foi esta, que o Dr. Gensch levou para casa, criou e mandou para a escola.

Com esta menina o Dr. Gensch aperfeiçoou os seus conhecimentos da língua dos Botocudos, tanto, que pôde publicar um dicionário muito útil. Lamentavelmente, ele não ensinou o alemão para esta índia, o que foi muito criticado, mas falava bem o português; eu fiquei admirado com os conhecimentos dela em Botânica, Zoologia e da Flora e Fauna local; um belo dia, com 15 anos, a moça desapareceu e não voltou mais.

Em Blumenau, naquele tempo, existiam dois jornais. Arthur Koehler, juntamente com Fouquet Senior, editou o "Der Urwaldsbote"; Baumgarten, o "Blumenauer Zeitung"; o "Urwaldsbote" agradou-se em seguir a "Alldeutschen", e deixou incontestável se louvando que não existia outro jornal superando este, nesta mentalidade, naturalmente atingiu-o sem indulgência, a proibição de todos os jornais alemães, quando ainda no último momento o Brasil entrou na guerra contra a Alemanha, como por exemplo, o jornal do Troppmaier o "Deutsche Zeitung" em São Paulo, que parou de circular, para voltar depois de sete dias.

No "Stadtplatz" de Blumenau, quase ninguém se arriscou a assinar a "Deutsche Zeitung", mas no município, isto é, no "Hinterland", ele foi preferido ao "Urwaldsbote".

Quando assumi a direção da "Escola Nova". Na cidade, fui informado da minha responsabilidade e cuidados também com as escolas do interior do município, o qual não era calculado grande demais, com cinco quilômetros quadrados. Olhando melhor, via-se, que se tratava de 250 escolas. O interior do município, com o tempo aumentou de população, mas seu acesso, só com uma estrada de ferro, de um só carril funcionando três vezes por semana, e talvez de umas poucas estradas em más condições. Em todos estes lugarejos cresceram crianças, que não podiam fazer um caminho de muitos quilômetros, para ir à escola. Não tinha outro meio, senão empregar um homem idoso, que não podia mais fazer o trabalho pesado da lavoura, como professor, que sabia ler e escrever e se fazer respeitado, em último caso, com palmatória.

Para evitar grandes gastos, foram organizadas escolas, num circuito de 8 km. e o professor exercia seu cargo até seu último suspiro. O ordenado não correspondia aos seus esforços e ao rendimento dos colonos e assim se constituiu o "Deutscher Schulverein" para ajudar no seu poder aquisitivo e além disso recebeu subsídios da "Berliner Reichskasse".

Sobre esse dinheiro a embaixada alemã exigia um relatório e este o "Schulverein" só podia mandar, baseado no protocolo de inspeção. As escolas deveriam ser visitadas uma vez por ano.

Naturalmente o "Schulverein" pôs à minha disposição um cavalo, mas mesmo assim, eu só podia visitar as escolas mais próximas, 20 a 25 km. da cidade.

As escolas situadas mais longe, obrigavam-me a pernoitar, isto quer dizer, dois ou mais dias fora de casa e da escola de Blumenau. Mas uma grande vantagem me surgia. Eu tive ocasião de conhecer, invejosamente, o interior do município e mais, tive contatos com muitas pessoas

valiosas, valiosas mesmo — e estes contatos ficaram para sempre na minha memória.

Declarada a guerra, a ordem de fechar as escolas alemãs, foi em todo o Brasil, mas em nenhum lugar com menos piedade, que no município de Blumenau, e em nenhum lugar encontrou tanta oposição como aqui.

Em todo o município só existiam 5 escolas estaduais; como um relâmpago, mais de cinco mil crianças foram obrigadas a pegar férias por tempo indeterminado.

O governo sempre teve grandes dificuldades em preencher os cargos das suas escolas e isto de imediato para cinco mil crianças em “escolas” que estavam distanciadas mais de 100 km. e insuportáveis na sua solidão. Assim foi achado uma solução; o diretor da escola do governo de Blumenau, Techentin, organizou cursos pagos pelo governo, para que os professores, que perderam o emprego, pudessem aprender o vernáculo.

Cada semana 10 professores foram examinados, aprovados e em pouco tempo podia ser comunicado ao governo, que em todas as escolas alemãs, só lecionavam professores, que no exame mostraram conhecimentos suficientes da língua portuguesa e que prometeram lecionar nesta. O governo de Florianópolis era prudente demais, deixando de lado qualquer controle.

Minha relação teria uma lacuna imperdoável, se deixasse de contar, em poucas palavras um acontecimento muito agradável.

No ano de 1880 o docente de universidade, o alemão, Hermann von Jhering, começou sua atividade como diretor no departamento zoológico do Museu Nacional do Rio de Janeiro e em 1893 no Museu Paulista, fundado por ele. Com 66 anos de idade, ele ficou sem emprego e sem recursos; um regresso para a Alemanha em 1916 seria impossível, assim ele aceitou um convite, que o pastor Rodlach de Badenfurt, juntamente com o senhor Feddersen e eu fizemos.

Ainda quando eu o visitei em Bädinger, três meses antes de sua morte, ele me assegurou, que este ano em Blumenau, foi um ponto culminante em sua vida. E o que este paraíso na terra, que é “BLUMENAU”, nos deu, nunca será esquecido.

(Traduzido do alemão para “BLUMENAU EM CADERNOS”)

---

## **Museu da Família Colonial de Blumenau**

### **Movimento referente ao mês de Maio de 1975**

Ingressos vendidos 458, Cr\$ 458,00 — Cartões Postais vendidos 21, Cr\$ 21,00 — Cronografias 3, Cr\$ 6,00 — Foto-lembranças 2, Cr\$ 20,00 — Exemplares Enxada e Microscópio 1, Cr\$ 2,00 — Livro sobre Otaviano Ramos 1, Cr\$ 2,00 — Doktor Blumenau, encadernado 2, Cr\$ 30,00 — Guia Turístico de Blumenau 8, Cr\$ 16,00 — História de Blumenau, (brochado) 6, Cr\$ 180,00 — Papel carta aéreo, folhas 22, Cr\$ 22,00 — Mapas da Cidade 12, Cr\$ 30,00 — Totalizando Cr\$ 767,00.

Visitaram o Museu: 2 excursões com 42 participantes e 6 escolas com 155 alunos.

# Antônio Francisco de Carvalho

(Dos "Alfarrábios" de J. Mendes da Costa Rodrigues)

De Itapocorói, distrito da Freguesia da Penha, deste Estado de Santa Catarina, foi criado e educado por Bento Vieira Rebelo, que o empregou alguns anos de sacristão na matriz de Porto Belo, em tempo do vigário Padre Francisco Rodrigues Pereira, alferes porta-estandarte do Esquadrão de Cavalaria, no tempo que a vila foi aquela Freguesia; foi coletor de Paróquia, em lugar de Bento Vieira, e segundo Juiz de Paz em vários quadriênios; foi lavrador arranjado e ajudado pelo mesmo Vieira à sombra do qual conseguiu comprar terras da sesmaria do Capitão Domingos Rodrigues Pereira no sertão do Rio dos Bobos em as quais se situou.

Casou e teve família, vários filhos que se têm casado e se acham aposentados, entre eles José Francisco de Carvalho, mestre carpinteiro, casado com uma das filhas de Justino Francisco Furtado, de quem teve quatro filhas. A primeira casou com Luiz Cordeiro, marítimo; a segunda com José Fidêncio, mestre alfaiate; a terceira com d'Oliveira; a quarta com o primo Furtado. José Carvalho jaz sepultado no cemitério de Porto Belo e assim também seu pai, Antônio Carvalho.

Este homem era de estatura reforçada, cor um tanto morena, cabelo bastante crespo, pouca barba, olhos pretos, nariz e boca regular, homem sério e se dava muito ao respeito; escrevia regular; muito cuidadoso no que era seu; entendia bastante de carpinteiro no

que diz a obras de carpintaria da lavoura.

Foi um dos três aventureiros que, no ano de 1836, foram descobrir as veredas que, deveriam seguir do lugar denominado Trombudo à cidade de Lages, uma estrada para engrandecer Porto Belo. Além de Carvalho foram José Taveira, Manoel Ferreira e um seu escravo.

Depois de andarem por muitos dias perdidos nos vastos sertões sem que pudessem atinar o rumo que deviam seguir para darem em povoado, tendo se acabado as comedorias e não encontrando mais caça do mato, nem palmeiras que produzem palmito, visto que estas coisas só aparecem até dez léguas próximas à costa do mar, tiveram de ir comendo raízes e cascas dos paus e milagrosamente foram sair no campo denominado "Boa Vista abaixo da Serra Geral, em cujo lugar havia um rancho e um couro de boi estaqueado. Ali os aventureiros que já não podiam andar e vinham se arrastando e engatinhando, quando avistaram o couro, que reputaram um maná vindo do céu. Este couro foi por eles devorado. Alguns dias depois, apareceu uma tropa de gado vinda dos campos da vila de Lages, cujos tropeiros apiedados dos miseros aventureiros os socorreram e transportaram até a vila de São José e dali voltaram a Porto Belo, gabando-se toda a sua vida, Carvalho, de que a comida mais saborosa que tinha comido tinha sido o "couro cru" do Campo da Boa Vista. O mesmo diziam os três companheiros da triste e infeliz jornada.

# O R E S P O N S O

C. GAERTNER

Registra a História que em Antioquia, então populosa cidade fundada pelos Seleucidas, pelo ano 375, sendo Flávio Valente imperador romano do Oriente associado a seu irmão Valentiniano, imperador do Ocidente, dois adivinhos consultaram os deuses para saberem quem seria o substituto de Valente. Para isso construíram com madeira de louro uma trípole, imitante à do Oráculo de Delfos, consagrando-a segundo um ritual mágico. Sobre a trípole colocaram uma bacia, feita com os sete metais planetários, em cuja orla estavam gravadas as vinte e quatro letras do alfabeto. A ela chegou-se um homem purificado, vestido e calçado de lã, coroado de verbena, tendo na mão um fio delgado de seda do qual pendia um anel de ouro. Feitas as invocações e defumações rituais, o anel oscilou descrevendo círculos no interior da bacia, tocando sucessivamente as letras THEOD. — Quando esse fato chegou ao conhecimento imperial, mandou Valente matar todas as pessoas cujos nomes começassem por aquelas letras, o que, entretanto, não obsteu a que Teodósio, cognominado o Grande, compartilhasse o império com Graciano, recebendo o governo do Oriente. (Cesare Cantu. História Universal. livro VII. Cap. IX).

Este parece ser o mais antigo registro de uma bem sucedida experiência de rãdomância, na qual a vara foi substituída pelo pêndulo, e a bacia construída

pelos adivinhos pode ser considerada o mais antigo e valioso modelo de ouija.

O nosso sertanejo tem também a sua aparelhagem, hoje pouco conhecida, para consultar os poderes do inconsciente, ou que poderes sejam, através do responso a Santo Antônio. O seu instrumental mágico é o que há de mais simples. Duas pessoas defrontam-se equilibrando uma chave grande (hamburguesa), pela argola, nas extremidades dos dedos indicadores das suas mãos direitas. Na lingueta da chave pendura-se um contrapeso, geralmente uma pequena peneira ou uma tampa de cestinho de costura. Suponhamos que se trate de responder para um objeto desaparecido.

Uma terceira pessoa começa a recitar o responso: — “Se milagres desejas / Recorre a Santo Antônio, / Vereis fugir o demônio / E as tentações infernais, / pela sua intercessão / Foge a peste, o erro e morte, / Torna-se o enfermo são, / Recupera-se o perdido, Devolve o furto o ladrão, / Rompe a mais dura prisão, / Calma o mar enfurecido, / Dominados se retiram / Todos os males humanos, / Testemunham os que viram / E o dizem os bons paduanos. / A Santíssima Trindade / E a Santo Antônio também, / Honra e glória, eternidade / pelos séculos. Amém.”

Em seguida são feitas as perguntas: — “Meu glorioso Santo Antônio, rogamos que nos digais

se o objeto foi perdido.” — Se a chave voltar deixando cair o contrapeso, pode-se ter a certeza de que o objeto foi perdido. Continua-se a indagar: — “Perdido dentro de casa? Fora de casa?” etc.

Se o objeto foi roubado e há suspeitas quanto ao ladrão, continua-se: — “Meu glorioso Santo Antônio, rogamos que nos digais o nome do culpado: foi Fulano? foi Beltrano? foi Sicrano? etc. “Ao ser pronunciado o nome do culpado, a chave descreve um quarto de círculo e deixa cair o contrapeso.

Após o responso, dá-se graças rezando um Padre-Nosso, uma Ave-Maria e um Gloria-ao-Padre.

Afirmam os responsadores que, depois do responso, o culpado não terá mais sossego enquanto, por qualquer forma, não devolver o objeto. E se o mesmo estiver perdido, dentro de três dias será encontrado pelo dono ou por alguém que lhe entregará.

O responso é uma oração tradicional, originalmente em latim, feita a Santo Antônio para que sejam encontradas as coisas perdidas, ou para se precaver contra algum mal que se receia.

Santo Antônio, nascido em Lisboa em 1195 e falecido em Pádua em 1231, é um dos santos mais populares de Portugal. Sua vida está envolta em ingênuas lendas, como a de S a t a n á s tentando-o sob o gracioso aspecto de uma formosíssima judia. Já tomado pela mais violenta paixão, recebeu Antônio a graça divina de poder traçar uma cruz na porta do templo, com o que fez sumir como por encanto o tentador e suas deliciosas tentações. A lenda mais conhecida é a do Santo salvando o pai da forca, por um fenômeno de ubiquação.

Outras há, como a do Santo pregando aos peixinhos, ou consertando as bilhas quebradas pelas travessas donzelas em noites de luar. A realidade é que Antônio foi um dos grandes pregadores sacros do seu tempo e, por suas grandes virtudes, sua vida foi inteiramente dourada pela lenda.

Como santo português, sua lendária tradição veio enriquecer o acervo das supersições religiosas do nosso sertanejo, que lhe emprestou forma e matizes próprios. Antônio é considerado o Santo casamenteiro por excelência e o sertanejo pede-lhe milagres matrimoniais. A sua iconologia consiste em grosseiras imagens do Santo esculpidas em nós-de-pinho, nas quais, depois de bentas, crê que esteja de fato o próprio Santo, pois Nosso-Senhor não está na hóstia?

O Santo é induzido a executar o milagre pedido, por orações respeitadas, por astutas promessas e mesmo por castigos! Se, apesar de todas as orações e de todas as tentadoras promessas o milagre não se realiza, o Santo é castigado! A pena mais leve consiste em voltá-lo com a face para a parede; mais tarde é fortemente amarrado até que se resolva a ser atencioso. Se teima, é afundado numa vazilha com água e colocado debaixo do catre, suprema humilhação, donde só sairá após ter realizado o milagre desejado! Se, contudo, ainda falhar, é que se deu o caso da da imagem ser mal benzida por um padre pecador, e trata-se de arranjar outra.

Para a mesquinha criatura humana o mito é tão necessário como o ar, a água, o alimento, o trabalho e o descanso. Pelo mito, ela encontra uma razão para o seu mundo e um propósito para a sua insignificante e efêmera existência.

## A "modernização" e as elites emergentes: a contribuição alemã

WALTER F. PIAZZA

(JOHANN KARSTEN continuação do número anterior)

Nos anos de 1920, 1923, 1925, e 1928 foram feitos aumentos nos equipamentos, com a aquisição de novos teares e máquinas auxiliares.

No ano de 1933 a firma foi transformada em Sociedade Anônima com o nome de Companhia Karsten e, em 1941, teve sua razão social alterada para Companhia Textil Karsten.

Em 1946 foi acrescentada uma seção de estamperia à fábrica.

Em 1970 a KARSTEN consumia 166.000 Kwh.

Nessa época o seu capital e reservas montavam a Cr\$ 4.828.000, o seu exigível era de Cr\$ 4.678.000, o disponível realizável o era de Cr\$... 6.017.000, e o imobilizado importava em Cr\$ 3.476.000.

Em face do capital de Cr\$ 4.080.000, a firma KARSTEN produzia, em 1968, Cr\$ 10.675.000 e, em 1969, Cr\$ 13.498.000, possuindo, neste último ano, em pessoal industrial 420 pessoas, num total de 463 empregados.

Trabalhando, nessa época, com 110 teares, dos quais 42 automáticos e os restantes ordinários, operando 95 % com fio de algodão e 5 % de fios sintéticos (13).

### 5. CARLOS HOEPCKE

Nasceu a 25 de junho de 1844, em Strissa, Alemanha

Embarcou em Hamburgo, a 14 de janeiro de 1863, no veleiro «Urânia», acompanhado de sua progenitora, viúva, e de um irmão, Paulo, de 14 anos.

Desembarcados em Itajaí, dirigiram-se à Colônia «Blumenau», onde se estabeleceram em um lote, às margens do ribeirão Garcia.

Um seu tio, Fernando Hackradt, comerciante no Desterro (hoje Florianópolis), convidou-o para seu guarda-livros. Com coragem pôs-se a aprender a língua da nova pátria e as técnicas da nova profissão. Era 1866.

E, aos poucos, Hackradt passou os negócios ao sobrinho, que, paulatinamente, ampliava a casa comercial, passando-a de varejista à atacadista, e de exportadora de produtos coloniais à importadora das mais diversas praças da Europa e da América do Norte, através de navios à vela que fretava, especialmente.

Em 1871 tornaram-se Carlos e Paulo sócios do tio. Em 1885 o Sr. Fernando Hackradt retirou-se da firma que, a 31 de dezembro passou a ser Carl Hoepcke & Cia., em que, além dos dois irmãos participavam Carlos Scharf e, como comanditário Hackradt Júnior.

Logo, em seguida, em 1889, a partir de 1º de janeiro, a firma tinha dois novos sócios solidários, Carlos Hoepcke Jr. e Carlos Malburg. No ano de 1890 retira-se da sociedade Carlos Scharf. Aí a firma já amplia os seus negócios.

E vale, a propósito, um depoimento:

«O litoral catarinense, com suas numerosas enseadas e estuários propiciou o florescimento de muitos pequenos portos que, por seu número e pequeno valor econômico, por muito tempo, não justificaram as obras de maior vulto empreendidas, em alguns deles.

«A exportação catarinense, em fins do século passado, era pouco volumosa, devido às dificuldades de transporte marítimo, o único meio, então existente, para comunicações, além da estrada de tropa.

«Procurando estimular o intercâmbio comercial entre os pequenos portos do sul e desenvolver-lhes o comércio, Carl Hoepcke funda, em 1895, a Empresa Nacional de Navegação Hoepcke, adquirindo para comércio de cabotagem, um pequeno vapor de 300 toneladas, que atravessou, com suas próprias máquinas, o Oceano Atlântico.

«Essa unidade, ponto de partida da Empresa, foi, por muito tempo, o único meio de escoamento das mercadorias e passageiros do sul do Estado, pelo porto de Laguna, cujos baixios da barra só eram sobrepassados pelo «Max», pequeno navio, que passou a fazer parte integrante da vida daquela cidade sulina e que intercomunicava os portos catarinenses de Laguna, Florianópolis e São Francisco» (14).

E, aos poucos, a frota foi-se ampliando, com o «Aria» e, em 1927, com o «Carl Hoepcke».

Concomitantemente, a firma Carl Hoepcke & Cia. construiu, desenvolveu e aperfeiçoou o estaleiro «Arataca», em Florianópolis, para atender as suas necessidades.

E, assim, como fruto do contato dos seus navios surgem as filiais, que, também, se embrenham pelo interior, atuando, primeiramente, nos principais centros coloniais do Estado, Blumenau e Joinville.

Em 1915 passa a fazer parte da sociedade outro filho de Carl Hoepcke, Max Hoepcke.

Entretanto antes, para fazer face às dificuldades de importação, estrutura Carl Hoepcke a fábrica de pregos («pontas de Paris») «Rita Maria» — lembrando o bucólico local de Florianópolis, onde se situa —, a fábrica de gelo. Adquire, em 1917, a fábrica de rendas e bordados, instalada em 1913, por Ricardo Ebel, com cinco máquinas.

Como fruto da 1ª. Guerra Mundial a firma se reestrutura, passando à razão social de Hoepcke Irmãos & Cia., formada por Carlos Hoepcke Jr., Max Hoepcke e Carlos Malburg, que se retira em 1923.

Carlos Hoepcke faleceu a 8 de janeiro de 1924.

Pela sua atividade em prol do desenvolvimento de Florianópolis e de Santa Catarina tornou-se credor da admiração dos catarinenses que lhe ergueram um busto em uma das suas praças (Praça Getúlio Var-

gas), destruído em 21 de agosto de 1942, num impulso xenófobo das massas, e reconstruído, em seguida, no mesmo local.

Quanto ao caráter social das atividades de Carl Hoepcke cabe uma observação: aos operários e empregados de sua organização incentivava a construção de casa própria e, para tal, fornecia-lhes recursos.

## 6. EDUARDO VON BUETTNER

Eduardo von Buettner nasceu, na Alemanha, a 28 de setembro de 1845.

Não se tem uma indicativa dos seus possíveis estudos e da sua vivência na pátria-mãe, mas, tudo leva a crer, pelas qualidades demonstradas no trato das coisas de comércio e pelos atributos conhecidos, ser uma formação urbana.

Não há, também, uma referência ao tempo e das condições de emigração para o Brasil, tendo-se, apenas, que sua família fixou-se inicialmente, na colônia «São Pedro de Alcântara», no vale do rio Maruin, fundada em 1829.

Transferindo-se para a colônia «Blumenau», ali colaborou com Luiz Sachtleben no estabelecimento da «Sociedade de Consumo da Colônia Blumenau».

Antes — na casa dos vinte anos — se casara com D. Albertina Burow, de procedência alemã (Pommern) e de cujo consórcio nasceram: Edgar, Maria, Artur, Oswaldo, Erna e Walli.

Em julho de 1875 dirige-se para Brusque, onde, para acúmulo de capital, teve uma loja de fazendas, secos e molhados e armarinhos, além de torrefação e moagem de café e serrarias, tudo, enfim, girando em torno da produção agrícola da região.

Em 9 de fevereiro de 1898, sob forma de firma individual, estabelece-se, com o auxílio de seu filho mais velho, Edgar, com uma fábrica de bordados finos, que se especializou em cortinados e foi a primeira do Brasil, no gênero, comprando, entretanto, o tecido já pronto para ser bordado.

Eduardo von Buettner falece, em Brusque, a 29 de outubro de 1902.

A atividade textil tem início, em 1915, para fazer face às dificuldades existentes (falta de operários especializados, alto custo do material importado, impostos extorsivos por considerar-se, então, o produto artigo de luxo e o alto preço dos produtos), com a instalação de uma pequena tecelagem, tinturaria e alvejantes.

1922 vai ser, entretanto, o ano da grande ofensiva têxtil. A 26 de Agosto daquele ano a firma se transforma em sociedade de capital e indústria com a razão social de «E. V. Buettner & Cia.», tendo como sócio Edgar von Buettner, Clarence Oswald von Buettner e Heinrich Richard Bruno Erbe, com um capital de Rs. 60:000\$000.

Nesse mesmo ano de 1922 a firma importou da Alemanha 25 teares, passando, assim, a produzir o tecido que necessitava e ampliando a sua linha de produção, com o fabrico de mosquiteiros, de grande aceitação em todas as áreas do Brasil.

A marcha ascensional dos negócios faz com que, a 30 de agosto de 1928, o capital social seja elevado para Rs. 400:000\$000, e dá-se, então, o ingresso de dois novos sócios: Bernhard Stark e Cia. Comércio e Indústria Malburg (Itajaí).

No início da década de 1930 foi instalada a fiação e, no final da década, a secção de tinturaria para acabamento de fios e tecidos. A partir de então, a diversificação da sua linha de produção tornou-se uma constante. Adquirem conceito no mercado nacional as suas toalhas de mesa «xadrez» e «jacquard».

O conceito no mercado nacional impulsionava a «E. v. Buettner & Cia.» que, a 12 de abril de 1938, aumentou seu capital para Rs. . . . . 2:5000.000\$000, e incluiu em seu quadro social Maria von Buettner.

A dinâmica econômico-financeira levou-a, a 5 de julho de 1945, a outra alteração na constituição da firma, desta vez transformando-se em sociedade por cotas de responsabilidade limitada, com a razão social de «Buettner & Cia. Ltda.» e ingressam na firma novos sócios — seis ao todo — e o capital eleva-se para Cr\$ 5.000,00. Dá-se, a 24 de novembro de 1945, o ingresso de mais dois sócios e, a 1º de abril de 1948, outro mais. E, a 20 de dezembro de 1948 há, pela valorização do ativo, um novo aumento de capital, atingindo, desta vez, a importância de Cr\$ 6.073,00.

Tal desenvolvimento coroa-se, a 7 de novembro de 1952, com a transformação em sociedade por ações, com a razão social de «Buettner S/A., Indústria e Comércio», com o capital na casa dos Cr\$ 14.000,00. Pelo lado fabril tal é a decorrência da instalação de uma estamperia manual, naquele ano.

Tem início, então, a automatização do parque fabril: em 1953 foram comprados os primeiros 4 teares automáticos alemães «Dornier», em 1956 mais 17 teares automáticos «Ribeiro», em 1962 mais 6 teares automáticos «Ribeiro», em 1965 outros 42 teares automáticos «Howa», em 1971 mais 38 teares automáticos, sendo 26 «Howa» e 12 «Ribeiro», em 1973 mais 12 teares automáticos «Ribeiro» e, finalmente, em 1974 outros 10 teares automáticos «Ribeiro» e, em 1971, no processo de automação, foi importada da Áustria uma máquina automática de estampar «Johannes Zimmer».

Entrementes, em 1º de outubro de 1969, passou a «Buettner» a ser uma sociedade anônima de capital aberto, com o capital social elevado a cifra de Cr\$ 6.424.600,00.

Hoje, o seu panorama técnico apresenta-se com 164 teares, com uma produção mensal de 400.000 metros lineares, elaborados por 68 teares automáticos «Howa», 57 teares automáticos «Ribeiro», 4 teares automáticos «Dornier», 21 teares «Jacquard» e 14 teares «Mecânicos». A sua fiação, com 12.000 fusos, fornece uma produção mensal de 150 toneladas de fios de algodão.

A partir de fins de 1971 a Buettner entrou no mercado internacional, atingindo, hoje, Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos, Canadá, África do Sul, Japão e Austrália.

A empresa dá trabalho a 1.030 operários, na cidade de Brusque e, como se vê, atinge ponderável parcela da comunidade.

## 7. CARL GOTTLIEB DÖHLER

Natural de Glauchau (uma outra informação diz: Rodewisch), na Saxônia, onde nasceu a 6 de dezembro de 1845.

Na sua região natal exerceu o ofício de tecelão.

Em 1881 emigrou, com sua família, da Saxônia, a bordo do vapor «Hamburg», que partiu do porto de Hamburgo a 6 de maio daquele ano, conduzindo 140 imigrantes destinados à Colônia «Dona Francisca» (fundada em 9 de março de 1851).

Acerca do que era e vinha se apresentando a Colônia assim se expressara, a 27 de novembro de 1852, o seu Diretor, Benno Frankenberg:

«La colonie compte quatre établissements industriels, une fabrique de briques, de paterie, de vinaigre et de cigarres, une forge, une boucherie, 2 boulangeries...» e esclarece que, de 690 colonos «26 colons seulement sont catholiques» (15).

E, em 1853, pelos dados compulsados, a situação se modificara um pouco:

«A indústria é representada por duas fábricas de cigarros, uma olaria, uma fábrica de louças de barro, 2 engenhos de arroz, um engenho de mandioca, duas moendas de milho e dois engenhos de açúcar» (16).

Já, em 1854, pelo relatório de 30 de dezembro, eram notadas algumas alterações:

«A indústria é representada por 3 padarias, duas fábricas de cigarros, uma fábrica de licor, uma cervejaria, duas olarias, e uma de telhas e artigos cerâmicos, 5 engenhos de açúcar, dois de arroz, duas moendas de milho, 16 engenhos de mandioca, e duas prensas para óleo de ricino» (17).

Por sua vez, em dezembro de 1859, o quadro industrial da colônia assim se apresentava:

«... 39 engenhos de farinha, 23 ditos de açúcar, e 7 de arroz. Três serrarias, 5 fábricas de telhas e uma olaria, 3 fábricas de cerveja e uma de vinagre, um cortume e quatro fábricas de charutos» (18).

Em fins de 1862 a situação da colônia já se apresentava de mais amplas perspectivas:

«... 70 engenhos de mandioca, 32 de açúcar, 12 carpinteiros, 12 sapateiros, 4 torneiros, uma fábrica de guarda-chuvas, 5 fábricas de charutos, 6 olarias, 2 estaleiros, etc. etc.» (19).

Já, em 1868, existiam na colônia novos índices de progresso econômico:

«... 8 olarias, 2 fábricas de artigos de cerâmica, 3 cervejarias, 20 fábricas de charutos, 5 padarias, 6 serrarias... Na zona rural existiam 40 engenhos de farinha, 6 de araruta, 14 de arroz, e oito moendas diversas» (20).

Constata-se, entretanto, numa singela comparação entre os dados de 1868 com os dos anos anteriores, uma discordância relativa aos

estabelecimentos de indústrias rurais, sendo, portanto, os do ano referido passíveis de rejeição.

Com o Recenseamento do Império do Brasil, em 1872, a situação da Colônia, já, então, transformada em município, era de 7.671 habitantes, dos quais 3.607 brasileiros e 4.064 estrangeiros, e o conjunto populacional apresentava para 7.575 livres 96 escravos.

Mas, o seu desenvolvimento econômico se firma a partir de 1879, consubstanciado desta forma:

«Foi a erva-mate, inegavelmente, um fator econômico preponderante no desenvolvimento de Joinville. Da exportação passou-se para a construção de engenhos e, com a industrialização da erva-mate tornou-se Joinville centro industrial e comercial, e mais importante praça do produto» (21).

E foi com este ambiente de crescimento que se processa a instalação, naquela região, de Carl Gottlieb Döhler

Não se adaptou ele aos penosos trabalhos agrícolas e como aprendera em sua terra o ofício de tecelão, estabeleceu-se com um pequeno tear, feito à mão, iniciando a sua produção a 6 de dezembro de 1881, sendo o que produzia consumido pelos colonos, utilizando o saldo de fios que trouxera de Glanchau.

Fundou, desta forma, a firma «O. G. Döhler» e foi ampliando, paulatinamente, com teares modernos, que, mais tarde, impondo, cada vez mais, os seus produtos, se transformou em «Döhler & Cia.».

Carl Gottlieb Döhler tornou-se cidadão brasileiro, recebendo o título de eleitor, a 7 de abril de 1896.

Exerceu suas atividades industriais até 1916, vindo a falecer a 4 de agosto de 1926.

Foi casado com D. Ernestina Gottlieb, cujo enlace teve lugar a 29 de maio de 1869, e de quem teve: Arno Alexandre (falecido a 27 de novembro de 1950) e D. Wolga Döhler.

## 8. JOÃO BAUER

Nascido a 13 de novembro de 1849, na Baviera, emigrou para o Brasil com a idade de 11 anos, em companhia do seu pai viúvo, Balthasar Bauer.

Fixaram-se em Brusque, a então colônia de «Itajaí», fundada a 4 de agosto de 1860, pelo Barão Maximiliano von Schneeberg, com o beneplácito e apoio do então Presidente da Província de Santa Catarina, Francisco Carlos de Araújo Brusque, de quem tomou, em seguida, o nome (22).

Esta família, dona de escassos recursos materiais, enfrentou os perigos da selva e, inicialmente, se alimentaram de frutos silvestres e carne de animais, por eles mesmos caçados.

João Bauer, assim, iniciou-se no Brasil e logo após, teve de dedicar-se ao trabalho num engenho de serra, localizado na Guabiruba, a 12 Km. de Brusque, onde trabalhava, muitas vezes, até 24 horas por dia. Tal

tipo de trabalho era, na verdade, uma dura escola, que deixava pouca margem de lucro, o que desanimava o pai.

Mas, João Bauer, tinha força de vontade e mudou-se para Itajaí à procura de trabalho e o encontrou, numa padaria, como ajudante de padeiro. E, com muito esforço conseguiu, juntamente com seu pai, algumas economias, o que lhes permitiu a compra de uma propriedade na Guabiruba, junto com o engenho de serra. E lá viveram até a morte do pai.

Com a morte de seu pai, João Bauer vai mudar-se para Brusque, onde monta uma pequena loja.

Casa-se, logo depois, a 3 de novembro de 1871, com D. Maria Olinger, de origem luxemburguesa, casamento esse realizado em Itajaí, onde estavam as autoridades civis e judiciárias, por ser Brusque então integrante do seu território-administrativo e, de cujo matrimônio, nasceram: João, Leopoldo, Matilde, Jacob, Augusto e Maria Rosa.

A sua casa comercial, «graças ao seu espírito jovial, bem disposto, pronto a servir», passou a crescer e a servir «a qualquer hora do dia ou da noite, em feriados e mesmo aos domingos, quando os colonos do interior, lhe traziam após a missa, os seus produtos agrícolas, em troca de mercadorias de seu comércio».

Aprendeu a ler e escrever, depois de experiente comerciante e não deixava de cultivar a música, fazendo seus filhos exercitar-se ao piano.

O seu comércio prosperava.

Seus empreendimentos iam desde uma casa comercial até veleiros (o «Tigre», o «Brusque»), como, também, o primeiro navio a vapor da região, o «Rudi».

Instalou uma pequena rede d'água, particular, em Brusque, e construiu a primeira rede de abastecimento d'água em Itajaí, contratada com o então Prefeito de Itajaí, Dr. Pedro Ferreira.

Em Itajaí ainda instalou uma cervejaria e teve importante armazém de despachos, principalmente de madeiras.

Ainda possuiu e explorou, primeiramente, o mármore de Camboriú.

Dedicou-se, ainda, ao comércio em Trombudo Central, então município de Rio do Sul (7), onde teve casa comercial bem sortida, e onde montou importante serraria, comprando, para tanto, terrenos que possuíssem matas exuberantes.

Em Brusque, ainda, instalou um moinho de arroz e foi o introdutor do primeiro automóvel, considerado, então, um evento especial.

Mas, a sua grande contribuição ao progresso econômico de Santa Catarina vai ser a instalação de uma usina hidroelétrica.

Aproveitando uma bonita queda d'água João Bauer vai se tornar um pioneiro da eletrificação, com o aproveitamento do salto da Planície Alta.

Com esse empreendimento «lançou os fundamentos de novos tempos, impulsionando definitivamente a indústria textil de Brusque, na época representada por Carlos Renaux, Gustavo Schlösser, Edgar Buettner

e Rodolfo Tietzmann e suas próprias indústrias» (23).

Em 1911, João Bauer «iniciou estudos para instalar energia elétrica em condições de movimentar as indústrias e o comércio, proporcionar iluminação pública e particular na então Vila de Brusque. Para tanto contratou os serviços de um engenheiro, Max Selinke, auxiliado por João Belli, Oswaldo Gleich e Guilherme Diegoli, objetivando aproveitar o salto de Planície Alta».

Aprovado o estudo, foi montada a usina, com dois conjuntos de turbinas e geradores com 132 KWA cada um. Seguiu-se a linha de fios com 14 quilômetros, com capacidade para transportar 5.000 volts, até a estação distribuidora construída no início da rua das Carreiras. Na vila de Brusque os postes de ferro foram levantados nas ruas Barão de Ivinheina (Carlos Renaux), Carreiras, Conselheiro Willerding (Rui Barbosa), Lauro Müller (parcial), Barão do Rio Branco (parcial), e 15 de Novembro.

Antes do Conselho Municipal conceder-lhe privilégio para instalar eletricidade na Vila (8 de junho de 1912 — Resolução n° 39), — João Bauer tinha, já, iniciado a montagem.

A 10 de agosto foi firmado o contrato, assinando-o pela Municipalidade Guilherme Krieger, Superintendente, e João Bauer, testemunhado por Otávio de Oliveira e Godofredo Mosimann, contendo 26 cláusulas, estipulando 30 anos de duração.

Foi, oficialmente, inaugurada a Usina hidroelétrica a 13 de novembro de 1913.

Na década de 1920 a Usina não tinha mais capacidade de atender a demanda. E, a 12 de agosto de 1922 vendeu-a João Bauer à Empresa Força e Luz Santa Catarina, sediada em Blumenau.

Mas, João Bauer teve outros empreendimentos como a instalação da primeira fábrica de tecidos de seda natural com teares de ferro e fábrica de gelo, fazendas e armarinhos.

Na atividade pública foi presidente do Diretório do Partido Republicano, presidente da Câmara Municipal de Brusque e Superintendente daquele município.

João Bauer faleceu a 30 de abril de 1931, com 81 anos, sendo enterrado no Cemitério Católico de Brusque, cuja fé professava e a cujas instituições dava apoio, assaz louvado, tendo sido a encomendação do seu corpo efetuada por seu neto, Monsenhor Harry Bauer.

## 9. GOTTLIEB REIF

Filho de Augusto Reif e de D. Christina Roeder Reif, nasceu a 2 de setembro de 1852, em Schwalungen, no Grão-Ducado de Meiningen, Saxônia, Alemanha.

Emigrou, juntamente com seus pais, em 1856.

Adolescente, ainda, conheceu, o Dr. Hermann Blumenau, com quem trabalhou e de quem recebeu meios para, em 1873, instalar uma serraria movida à água.

No mesmo ano de 1873 contraiu núpcias com D. Catarina Wendt.

Seus negócios no comércio de madeira obtiveram êxito, mas, em 1880, uma enchente do rio Itajaí-açu, destruiu-lhe a serraria, após o que a vendeu.

Em 1883 requereu sua naturalização ao Governo Imperial Brasileiro, que lhe foi concedida.

Em 1885 foi à Alemanha para comprar a 1ª máquina a vapor, marca Wolf, a fim de movimentar uma nova serraria e uma atafona, na localidade de Rio Itoupava, sendo, assim, o primeiro usuário de força-vapor em Blumenau.

Foi a primeira máquina a vapor, de uma série de oito, que instalou, tornando-se, por isto, um dos pioneiros da industrialização do Vale do Itajaí.

É dessa época o depoimento seguinte:

«Gottlieb Reif passou a venda e o moinho a W. Siebert e mudou-se para Itoupava Seca, acima do centro da cidade de Blumenau, onde ele construiu um engenho de serra e uma fábrica de caixinhas para charutos. Mas, depois de uns anos, ele entregou essa indústria ao seu filho Henrique e comprou uma grande e bem montada fábrica de caixinhas para charutos, na Barra do Rio, perto de Itajaí». E, acrescenta o nosso depoente:

«Gottlieb Reif era um homem áspero e rude, mas onde quer que se apresentasse algum necessitado, ele estava ao lado, amparando-o com conselhos e ajuda» (24).

Em 1888, contratou com o Governo Imperial a abertura de um picadão para cargueiros e tropas, entre Apiúna (atual município de Indaial) até o planalto, através do alto vale do Itajaí, o que lhe permitiu conhecer a região do rio das Pombas e do Pouso Redondo.

O contrato para a feitura de tal ligação montava a 18 contos de réis, que custou muito a receber dos cofres públicos, de vez que ao terminar a obra estava proclamada a República.

Com este conhecimento da região requereu ao Governo do Estado aquelas terras e, em 1895, fez a primeira derrubada da mata virgem para plantações e criação de gado.

Anteriormente, a 9 de janeiro de 1890, fora nomeado para integrar o Conselho Municipal de Blumenau, juntamente com o dr. José Bonifácio da Cunha, Henrique Clasen, e outros, e, em 1899, voltou a integrar o mesmo Conselho, sendo, em seguida, reeleito para mais um período, e, assim, permanecendo, neste cargo público, até 1906.

De 1895 a 1897 construiu a estrada carroçável entre Apiúna e Subida, com pontilhões de tijolos. E, de 1897 a 1899, a ligação do rio Hercílio até a barra do rio Taquaras, sede da Colônia Hansa (hoje Ibirama).

Em 1902 mudou-se para a cidade de Itajaí, para a Barra do Rio (hoje bairro daquela cidade), onde comprou, a firma de Rodolfo Krause, a fábrica de artefatos de madeira, especialmente para caixinhas de charutos, que exportava para a Bahia, Sergipe, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Rio Grande do Sul, onde tinha como compradores Dannemann & Cia., Suerdick & Cia., Stender & Cia., Poock & Cia. A qualidade do

produto deu-lhe a Medalha de Ouro na Exposição Nacional, do Rio de Janeiro.

Ao lado dessa indústria instalou um estaleiro para construção e consertos de embarcações, sob a orientação de João Tabalipa (25).

Por força desta indústria, especialmente, foi o maior contribuinte do erário estadual, no município de Itajaí, em 1913, quando recolheu 180 mil cruzeiros, ocasião em que sua fábrica era a maior da América do Sul, na especialidade.

O seu espírito pioneiro e empreendedor não parou aí.

Em 1910 deu início à instalação de uma fábrica de papel, na mesma "Barra do Rio", cujas obras foram de 1911 a 1912 e onde ingressou com o capital de 250 mil cruzeiros, — fruto da venda da fábrica de caixas de charutos—e onde teve como sócio Carl Rischbieter, os irmãos Fides e José Deeke. Transformou-se, mais tarde, esta indústria na «Cia. Fábrica de Papel Itajaí», conseguindo, pelo pioneirismo da idéia, isenção dos impostos estaduais.

Em 1917 com a declaração de guerra do Brasil à Alemanha a sua casa foi atacada e depredada, o que vai motivar a sua saída de Itajaí (26).

Em outubro de 1918 transferiu-se para o rio das Pombas (hoje Pouso Redondo), e, para lá, através do transporte fluvial, levou dois possantes locomóveis, os primeiros que atingiram aquelas paragens, a fim de movimentar uma serraria e uma atafona. Era já, 1919.

Em Pouso Redondo fez construir a primeira Igreja Evangélica.

Em 1921, contratou com o governo Hercílio Luz, a abertura de uma estrada de 13 quilômetros, da estrada geral até o Lageado Carroussel, como pagamento recebeu do Governo do Estado, terras. Com estas terras deu início a um processo colonizador, vendendo-as ao preço de 20\$000 rs. o hectare: daí surgiram as colonizações de rio Pombinhas, rio Paleta e rio de Trás.

Como crescesse o movimento da serraria e da atafona vendeu o locomóvel existente e importou da Alemanha um mais potente, de marca «Lanz»: era o mais potente de todos os que utilizara, até então, que chegou ao Brasil em fins de 1924 e foi despachado através da Estrada de Ferro Santa Catarina a 13 de janeiro de 1925, de Blumenau até Subida, e daí em carretão, puxado por cavalos, até Pouso Redondo (27).

Mas, o pioneirismo de Gottlieb Reif não cessou. Naquele mesmo ano de 1924 adquiriu o primeiro caminhão Ford que, de Pouso Redondo transportava mercadorias para o Rio do Sul e Subida (antiga estação da Estrada de Ferro Santa Catarina).

Ainda, em 1927, encomendou à firma Bromberg, Hacker & Cia., de São Paulo, um descascador de arroz e outras máquinas (28).

Faleceu este ousado pioneiro, em Pouso Redondo (então pertencente ao Município de Rio do Sul), a 19 de agosto de 1927, tendo do seu consórcio, com D. Catarina Wendt, nove filhos (deles, em 1972, viviam quatro filhos: Emilia Siewerdt, Ella Stahmer, Geny Scheider e Carolina Baumgarten).

*(Continua no próximo número)*

# Geoeecologia Atmosiérica

A. SEIXAS NETTO

(*Continuação do número anterior*)

Capítulo Novo: RECUPERAR AS FLORESTAS E A FAUNA, EIS A URGÊNCIA.

Os geometeoros, vimos, são componentes do equilíbrio ecológico na Terra. Anula-los ou reduzi-los será, fatalmente, criar obstáculos ao equilíbrio e à permanência ecológica. Eles são os violentos amigos da Vida no Planeta. Basta entende-los e, até, parcialmente, contrata-los. Aniquila-los, porém, será aniquilar a Vida mesma.

Apreciamos que o equilíbrio da PNEUMOSFERA, na sua função ecológica, está profundamente ligado à ação da Flora e da Fauna, em todo o Planeta. Fauna e Flora, formam os materiais dum poderoso laboratório químico natural onde se produzem ações e processos de trocas contínuas para a permanência da Vida.

As Florestas têm sido devastadas e com elas, conseqüentemente, a Fauna, pois uma decorre da existência da outra. A devastação não tem sido, na sua totalidade, obra dos geometeoros violentos; tem sido, antes, obra de lenta mas brutal ação humana em favor dum Progresso sem finalidade útil e duma industrialização duvidosa na sua utilidade. Florestas inteiras têm sido transformadas em inaproveitáveis resíduos na forma de papel, embalagens, construções várias. — Vida-fauna tem sido levada até a extinção irredutível de espécimes, em favor de inúteis enfeites e objetos de precária finalidade. Em realidade, a Fauna das Florestas é destruída para aproveitamento duma ou doutra parte, deixando como inútil grande parte do animal. Mata-se, por exemplo, um elefante pelo valor das presas e deixam-se como inúteis toneladas de carne à deterioração. Matando, ademais, uma árvore, mata-se, conseqüentemente, um animal, é a lei; e, vice versa, é também a lei.

Mas haverá já falta de Florestas úteis à Terra-continental? Não! Aproximadamente uma sexta parte da superfície da Terra-continental, entre os paralelos de 45º Norte e Sul, é composta de extensas Florestas quasi impenetradas; os outros cinco sextos são compostos de desertos erogónios, desertos artificiais por obra humana e Florestas em extinção; todas as cidades do mundo reunidas, como são hoje, em perimetro e área, mal ocupam a centésima parte de uma das cinco restantes. Não há, pois, um perigo iminente, ao que pode parecer. Mas há, e explicamos porque. As Florestas, ainda que não sofram o ataque direto do homem, o mais implacável pedrador da Natureza e com reduzida capacidade de raciocínio do que seja *quantidade útil e recomposição*, que tem os outros animais, os quais só usam o que lhes farta e são veículos semeadores-, sofrem os ataques indiretos, por dispersão e difusão

no meio aéreo da PNEUMOSFERA, de Tecnologia sem controle, desordenada e sem bom senso de utilidade ecológica. O ataque usa armas que vão desde os herbicidas, germicidas, inseticidas, desfolhantes, - que, embora pretensamente utilizados em áreas delimitadas e até mesmo desprezíveis em relação ao total, sofrem a dispersão no meio aéreo pelo que fica em suspensão ou são movimentadas pelas correntes ascencionais, depressionais, horizontais -, até às armas nucleares, cujos elementos radiativos ficam evoluindo na Baixa Atmosfera por largo tempo-horário. E cabe um alerta: As Florestas notáveis estão sendo tomadas lentamente pelo *raquitismo atômico* e pela sufocação com partículas pesadas, de alta aderência, que não podem ser expelidas dos canais foliares pela exalação de Oxigênio ou lavadas pelas chuvas mais compactas. Com isto, reduz-se o mecanismo da fotossíntese e a própria umificação natural do solo, que supre as raízes, fica alterada e deletéria.

Há, no Mundo atual, intactas ou quasi intactas, mas já sofrendo do *raquitismo atômico* e de *sufocação* por excesso de partículas pesadas, florestas que formam, em realidade, parques ecológicos da Terra: Na AMÉRICA DO SUL: A Floresta Amazônica Continental, com aproximadamente 5 milhões de quilômetros quadrados e abrangendo, por completo, ou em parte notável, nove Países, - Brasil, Bolívia, Perú, Equador, Colômbia, Venezuela e as três nações guianenses -, pouco tem sofrido diretamente do Homem mas, indiretamente, por sua extensão, é dos maiores coletores das radiações que produzem o *raquitismo atômico* e partículas pesadas que produzem a *sufocação* foliar. Na AMÉRICA CENTRAL: A Pequena Floresta desde Salvador a Iucatã-mexicano. Na AMÉRICA DO NORTE: Os parques blocos florestais do México, do Centro e Oeste americano e Centro-Oeste canadense. (Todas essas pequenas Florestas não chegam a somar 5/6 da Floresta Amazônica-Continental e disto decorre um importante comportamento atmosférico que apreciaremos adiante). Na ÁFRICA: O compacto florestal entre os paralelos de 20º norte e sul está hoje transformado em grandes ilhas florestais. Todavia, ainda, sua área é apreciável. No continente Eurasiano, só apreciável são as Florestas compactas do Paquistão à Indochina, e das Grandes Ilhas de Sumatra, Java, Borneu e Nova Guiné, estas já em processo de extinção por *raquitismo atômico* e restos de herbicidas desfolhantes. O restante da superfície da Terra não possui Florestas. Mas não é isto dramático ou assustador em si, porque as demais partes nunca tiveram Florestas notáveis. Estas Florestas são bastante para o equilíbrio ecológico da PNEUMOSFERA, se permanecessem intocadas. E seriam bastante para proceder o inigualável comportamento geometeorológico de troca hemisférica de ar. Este mecanismo, dos mais apreciáveis da natureza da Terra, permite a recomposição do ar, sua varredura de partículas pesadas, e equalização gazeosa. Entre os meses de Janeiro a Julho, o Hemisfério Norte faz concessão ao Hemisfério Sul de 12 bilhões de toneladas de Ar leve, aquecido, de alta cinética nos seus componentes, com grande teor de umidade. Este AR é mandado pelas Camadas superiores da PNEUMOSFERA e ainda pelas camadas superiores à PNEUMOSFERA, entre 4.000 a 9.000 metros de altitude. Este AR penetrando o Hemisfério Sul, a partir do paralelo de 30º vai ressecando e esfriando, e, conseqüentemente, aumentando

de peso e caindo para a superfície nas zonas pré-polares e polar. De julho a janeiro, o processo é inverso: O Hemisfério Sul manda ar quente ao Hemisfério Norte. Este mecanismo de troca é única e exclusivamente regido pelo Sol, que emite raios que são radiados e irradiados pela Terra, em períodos de 6 meses, com intensidade total em cada Hemisfério. Mas as percentagens de vapor d'água dentro destas massas de Ar quente de troca são moduladas pelas Florestas; é que as Florestas emitem mais calor por sua irradiação em banda verde, que é muito quente, e injetam vapor d'água em milhões de toneladas no meio aéreo. Assim, o Ar que vai do Hemisfério Sul para o Hemisfério Norte, no Hemisfério Americano, é mais úmido; o que vem do Hemisfério Norte é menos úmido. Desta maneira, é urgentemente importante que as Nações que contenham partes de Florestas Continentais criem PARQUES FLORESTAIS INTERNACIONAIS, intocáveis, respeitados, por certo, a soberania de cada um sobre suas terras; conservar a Floresta Continental do Amazonas Sul Americano é ter segurança ecológica geral e geoecológica atmosférica. Mas não é só conservar a Floresta; é necessário manter íntegro seu parque faunalógico nativo. E assim deve ocorrer na África e na Ásia Sul-sudeste. Quase 5/6 da Eurásia é composta por estepes geladas, desertos, cordilheiras recobertas de neve, planícies de esparsa vegetação onde as temperaturas são baixas em virtude do ar ressequido, - com baixíssimo teor de vapor d'água; acima dos 50º de latitude há gelo que se vai avolumando na direção do Polo Norte. São raros os parques florestais na Planície dos Sarmatas, acima dos 44º na Europa; na Ásia-leste, a extensa Planície de Turan, semi-árida, é separada, pela rala estepe Quirguizena, da gélida Planície Siberiana e pela orla sub-polar, coberta de gelos, dos Iakutos; no Centro Chinês, há o enorme Deserto de Gabi ou Chamo, que vai dos 40º até a Mongólia e a Mandchúria; a Austrália é um Deserto orlado de faixa florestada litorânea; o sul dos Estados Unidos possui alguns desertos áridos; o Canadá é um imenso parque de gelo que se engrossa na direção Pólo Norte, com árvores típicas que pouco ou nada podem contribuir para a Atmosfera, como a *Pinus Elliotis*; na América do Sul, uns raros pequenos desertos áridos e, abaixo dos 40º, a semi-gelada Patagônia. (A região árida do Nordeste Brasileiro, de desprezível área, de origem orogênica, pode ser recomposta florestalmente em um ou dois séculos).

Assim, há mais superfície não florestada que Florestas na Terra. Por isto é que pequenas devastações madeireiras não podem ter muito apreciável influência no contexto geo-ecológico geral; mas tem no panorama seccional, o seu *habitat* histórico. Estas pequenas Florestas são como chaminés de processamento CO<sub>2</sub>-Oxigênio, apesar da sua contribuição ser pequena; mas tem, também, sua faunologia particular.

Apesar da reduzida contribuição ao mar aéreo, essas reduzidas florestas são importantes para o equilíbrio ecológico local e circundante.

Cumprido, portanto, mante-las e igualmente manter íntegra a sua faunologia ou o processo de química atmosférica não ocorre perfeito ou segue anormal.

(*Continua no próximo número*)

# ESTANTE CATARINENSE

por Carlos Braga Mueller

Dois romances, um de ficção e o outro com cenários e personagens reais; um profundo estudo sobre a migração alemã para o Brasil e um tratado sobre como se processou a conquista do planalto catarinense, merecem hoje a atenção desta coluna. São quatro obras que vêm enriquecer a bibliografia catarinense e que devem despertar a atenção de todos aqueles que manifestem interesse pela nossa cultura ou pela nossa história.

**CARROSSEL** de A. Sanford de Vasconcellos — Editora Lunardelli — Florianópolis.

Embora o livro não faça referência ao ano de sua publicação, temos a impressão de que ele foi editado em 1974. No ano anterior, o autor publicara «O Homem da Madrugada», que infelizmente não nos chegou às mãos, mas que segundo referências que se faz na «orelha» da presente obra, alcançou bastante sucesso, animando Sanford de Vasconcellos a lançar este trabalho

Trata-se de ficção, numa linguagem simples, ao alcance de todos. Como leitura desinteressada, sem qualquer outro objetivo a não ser entretenimento, «Carrossel» preenche a contento sua finalidade. É um destaque para o livro é que ele vem juntar-se aos poucos romances que se escrevem em Santa Catarina. Em proporção ao que se edita no Paraná, por exemplo, Santa Catarina tem uma razoável produção literária. Mas a maioria dessa literatura dedica-se a fatos históricos, a pesquisas e outros assuntos, colocando sempre o romance de lado. A não ser os esforços de Hams, Prade e mais uns poucos, que enveredaram pelo caminho do conto curto, geralmenie de final imprevisível, muito pouco se tem feito pela ficção em termos de literatura em nosso Estado. Talvez ainda não exista mercado consumidor para esse tipo de leitura e este é o principal problema com que se defronta «Carrossel»: a falta de leitor. Mas se houvesse um pouco mais de divulgação sobre a literatura nacional, e a catarinense em particular, essa ameaça seria sanada, se não completa, mas pelo menos parcialmente. O problema toca mais de perto às editoras e temos a impressão de que muita coisa já está sendo feita neste sentido. Mas os esforços dos livreiros devem ser conjugados, para que nossos escritores não vejam seus livros «enclachados» nas prateleiras, por culpa exclusiva da falta de propaganda. Ainda com referência ao livro de Vasconcellos, merece destaque o desenho da capa, de autoria de Oscar Berendt. Embora o fator «capa bonita» não deva influenciar um livro, não se pode negar que a beleza de uma capa é uma boa motivação para venda. Que não se descuide de nossos autores. As livrarias gostam de explorar as capas vistosas. E elas também são a principal e única atração das farmácias que vendem livros, herméticamente embalados em papel celofane.

O SONHO E A GLÓRIA de João Alfredo Medeiros Vieira  
— Editora Lunardelli — 1975.

Este é outro romance, em que a capa, de Orlandivo Nocetti Jr., é bastante sugestiva, bonita até. Mas o que nos propomos comentar é a obra de Medeiros Vieira. No prólogo da narrativa, o autor esclarece que utilizou as reminiscências de um ex-repórter, mais tarde transformado em contador, não de estórias, mas de números, reminiscências estas que lhes foram relatadas em casuais bate-papos. E tão interessantes foram os fatos contados a ele, autor, que resolveu colocá-los numa sequência e historiá-los, criando este livro. O cenário é o Vale do Itajaí, e Brusque principalmente. Os personagens são reais, entre eles encontrei um amigo (Wilson Santos, ex-gerente da Rádio Araguaia), que embora não seja um dos personagens destacados da história, faz uma pequena «ponta». O livro, convenhamos, tem interesse mais regional. Mas isso não invalida a iniciativa de colocar no papel, em forma de romance, episódios realmente acontecidos no Vale do Itajaí. A história desenrola-se há alguns anos passados, e na cronologia do tempo notamos que Medeiros Vieira, pelo menos quando trata de Blumenau, cometeu alguns deslizes. Por exemplo—: quando fala em Hotel Holetz e Polar (Confeitaria), sentimos que a narrativa está se desenvolvendo há muito tempo, pois o Hotel já foi demolido há mais de 12 anos e a «Polar» não funciona mais há uns 10. Mas em seguida, fala-se em «Moinho do Vale», um restaurante que existe apenas há 4 anos. É possível que em relação a Brusque, o livro procura ser mais fiel aos ambientes dentro do tempo. O que nos causa espanto é o vigor demonstrado por Vieira: 551 páginas de romance, num alentado volume que já está a venda nas livrarias.

O IMIGRANTE ALEMÃO de Carlos Fouquet—Instituto Hans Staden, 1974.

Este livro já havia sido editado em língua alemã. O título do original é «Der Deutsche Einwanderer und seine Nachkommen in Brasilien» e a presente tradução é de Guido F. J. Pabst. A obra de Fouquet é de importante valor para os estudos que se fazem sobre a presença de alemães no Brasil. Inicialmente se faz uma abordagem sobre vários fatores que teriam marcante influência nas migrações germânicas para o Brasil, comparando-se com as de outras raças. Os precursores da imigração alemã merecem um capítulo especial, seguindo-se um estudo sobre as regiões brasileiras em que se estabeleceram os alemães. Depois de várias outras considerações, o autor acaba por tratar dos resultados advindos da imigração alemã no Brasil. Muitas ilustrações coloridas mostram as regiões escolhidas pelos teutos; as cidades que eles fundaram; as casas típicas que foram construídas e que ainda hoje são marcos de uma civilização. Gramado, no Rio Grande do Sul; Nova Friburgo, no Rio de Janeiro; Blumenau e Joinville, em Santa Catarina, e seus pioneiros, são figuras que despontam nas páginas deste livro. São revividas pelo autor, que conta as histórias de muitos homens que, embora nascidos na distante Alemanha, tanto fizeram pelo engrandecimento do Brasil. Nós, de Blumenau, sentimos isso. Mas o livro pretende fazer chegar este fato a todos os brasileiros. E esperamos que o faça.

A CONQUISTA DO PLANALTO CATARINENSE de Cyro Ehlke — Editora Laudes—1973.

Este livro está dividido em três partes distintas: a Introdução e as Partes 1a. e 2a. Começando com os antecedentes históricos que resultaram nas conquistas do Novo Mundo pela Espanha e Portugal, passando pelo descobrimento do Brasil e o povoamento da costa catarinense, e chegando ao sertão catarinense (hoje planalto catarinense), com a influência dos jesuítas, bandeirantes e tropeiros, a «Introdução» satisfaz plenamente ao que propôs: expõe, de forma correta e em português claro, todo o desenvolvimento histórico que resultou no descobrimento e exploração do planalto catarinense. Esta região, por sua situação geográfica, está vinculada ao «sertão de Curitiba». A parte 2a. do livro aborda a atuação dos Bandeirantes, onde se sobressairam paulistas, e curitibanos, estes últimos formando as expedições de Iguazu e Tibagi, penetrando em território catarinense. Por fim, está retratada a presença e a influência do tropeiro nestas regiões, o que muito contribuiu para o desenvolvimento norte de Santa Catarina. O autor, Cyro Ehlke, nasceu em Canoinhas (SC) e assim justifica sua obra: «Durante os nossos estudos e pesquisas, muitas viagens tiveram que realizar, até que colhessemos subsídios em quantidade julgada satisfatória à feitura deste livro. Ao leitor benevolente, vimos agora trazer o fruto desses trabalhos, estudos e pesquisas, que se traduzem na descrição de um aspecto, certamente ainda mal conhecido, ou explorado, da história regional catarinense e do Paraná, que é o do bandeirantismo e tropeirismo do ex-Sertão de Curitiba».



## “BLUMENAU EM CADERNOS” No Congresso Nacional

Prestando homenagem aos imigrantes italianos cuja primeira leva veio para o Brasil em 1875, o Deputado Luiz Henrique, pronunciou valioso discurso em o qual citou “BLUMENAU EM CADERNOS” que em Junho de 1974, publicou artigo do Professor Walter Piazza sobre a colonização italiana em Santa Catarina.

# BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

*Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina*

Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

IMPRESSO EM OFICINAS PRÓPRIAS

Direção: F. C. Allende

Assinatura por Tomo (12 números) Cr\$ 20,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425  
89.100 BLUMENAU — Santa Catarina — BRASIL

# *Bibliografia em Língua Alemã Sobre Santa Catarina*

ALOMA SUTTER

(Continuação do número anterior)

BALLAND, Carl DER STAAT SANTA CATARINA IN SÜDBRASIL IEN — (O Estado de S.C. no sul do Brasil) — Stuttgart, J. G. Cotta, 1892, 64 páginas.

BOPPRÊ, J. DIE SAMBAQUIS IN KÜSTENSTRICHEN BRASILIENS — (Os sambaquis no litoral do Brasil) — Jornal "Der Urwaldsbote", edição 6/1/1933, Blumenau.

BOSSMANN, Reinaldo EICHEN UND PINIEN — (Carvalhos e Pinheiros) — Ein Lesebuch für Schule und Heim. 2ª edição. Distribuidora Nacional de Livros, Curitiba, 1962. Na página 201, há uma biografia do Dr. Blumenau, de autoria de Carl Fouquet. Também uma poesia deste mesmo autor à página 205. O autor é professor da Universidade do Paraná, 252 páginas.

BREITHAUPT, Theodoro CHRONIK DER FAMILIE BREITHAUPT — (Crônica da Família Breithaupt) — 1929 — Druck von G. I. Pfyngsten — Genealogia da Família citada. Volume IV, 200 páginas.

BÜCHLER, G. A. 1 — PORTUGIESISCHES SPRACHBUCH FÜR KOLONIESCHULEN — (Livro didático de português para as escolas das colônias) — Verfasst von G. A. Büchler, Lehrer der portugiesischen Sprache an der Neuen Schule Blumenau. Zeichnung von Erich Zimmermann — Herausgegeben vom Deutschen Schulverein für Santa Catarina. Druck von G. A. Koehler, Blumenau - 1914, 232 páginas.

2 — DAS GROSSE FERMATESCHE PROBLEM — (O grande problema fermata) — Gekürzte Wiedergabe einer Lösung. 1955 — Blumenau. Impresso na Tipografia Blumenauense S/A. 16 páginas.

BUTZKE, W. EIN ALTER POMMERSCHER-KOLONIST ERZÄHLT AUS SEINEM LEBEN — (Um velho colono

pomerano conta da sua vida) -- Artigo in "Brasil-Post", S. Paulo, 13/11/1954, pág. 11.

BRUNNER, Anni 1 — DER FLUCH EINER UNSELIGEN STUNDE — (A maldição de uma hora infeliz) -- Romance, 193 páginas -- Krystal-Verlag, Blumenau - Buchdruckerei - G. A. Koehler - escrito e publicado em Blumenau.

2 — HEIMATERDE — (Terra Natal) -- Verlag "Bona Opera", Würzburg -- 187 páginas. Trata-se de um romance de Anni, que por muitos anos residiu em Blumenau e onde escreveu a maior parte de suas obras literárias.

3 — DER EDELFALKE-WELTERNEUERUNG — (O Falcão Nobre-Renovação do mundo) -- Contos reunidos em volume. Krystal-Verlag, Blumenau, 228 páginas. Composto e impresso na Tipografia Baumgarten, Blumenau, Sem data de publicação.

4 — DER WEISSE PALAST — (O Palácio Branco) -- Buchdruckerei G. A. Koehler, Blumenau. Sem data. 220 páginas. Escrito e impresso em Blumenau,

5 — WIR WOLLEN VERTRAUEN ZUEINANDER HABEN — (Nós queremos ter confiança mútua) -- Verlag Bona Opera, Würzburg, 1918, 194 páginas. O romance foi escrito em Blumenau.

CELSO, Afonso WARUM BIN ICH STOLZ AUF MEIN VATERLAND — (Por que me orgulho de meu País) - Traduzido em alemão pelo pastor H. Faulhaber. 200 páginas - 3ª edição, Berlim, 1910,

DAMM, Rudolf 1 — LEHRBUCH DER PORTUGIESISCHEN SPRACHE — (Livro didático da língua portuguesa) -- Erster Lehrer an der "Neuen Schule", in Blumenau. Verlag von H. Probst e Filho, 901. Tipografia Baumgarten, Blumenau, 184 páginas.

2 — MEIN VATERHAUS — (Minha Casa Paterna) -- Poesia. Foi musicada por H. Geyer. Apud "Almanaque popular brasileiro", Brasilianischer Heimat-Kalender, para 1966, página 7, de Gottfried Entres. Bela poesia sobre a casa paterna.

DEEKE, José 1 — DIE KOLONIE HAMMONIA — (A Colônia Hammonia) -- Zu ihrem 25 jährigen Bestehen. -- Dados históricos e estatísticos de Hammonia, por ocasião do seu 25º aniversário de fundação. Impresso nas oficinas da Tip. Baumgarten, Blumenau, 1922, 112 pgs,

2 — DAS MUNIZIP BLUMENAU UND SEINE ENTWICKLUNGSGESCHICHTE — (O município Blumenau e a história do seu desenvolvimento) — Três volumes, 1º vol. — “Das heutige Blumenau” — 96 pgs. 2º vol. 166 páginas — “Die Emanzipation der Kolonie Blumenau”; 3º vol. 110 páginas — “Nach der Revolution”. Com muitas ilustrações, mapas e gráficos. Impresso em 1917, Editora Rotermund & Cia. — S. Leopoldo.

3 — ZUR GESCHICHTE DER KOLONISATION MIT DEUTSCHEN AM UNTEREM ITAJAHY — (Para a história da colonização alemã no Baixo-Itajaí) — Artigo no “Blumenauer Zeitung”, nº 8, ano 41 de 26 de janeiro de 1922, pág. 2.

4 — AUS MEINER SCHULZEIT — (Do meu tempo escolar) — In Polynthea do Col. Sto. Antônio.

DÖRFFEL, Ottokar BRIEFLICHE MITTEILUNGEN AUS JOINVILLE IN DER KOLONIE DONA FRANCISCA — (Notícias por correspondência de Joinville, na Colônia Dona Francisca) no 4º relatório Anual da “Sociedade dos Amigos da Geografia” de Leipzig, 1864 e 1865.

2 — DIE KOLONIE DONA FRANCISCA — (A Colônia D. Francisca) - 1822.

3 — SÜDBRASILIANISCHER LANDWIRT — (Agrônomo sul-brasileiro), Dona Francisca, 1865.

DIETZ, von Fritz ZAUN AM ABGRUND — (Cerca no abismo) (Ein Ruf an die Mannesjugend) 18 páginas. O autor foi pastor (missionário) em Blumenau. Trata do problema sexual entre rapazes.

EHLERT, Heinz DIE ROÇA BRENNT — (A roça está queimando) — Episódio da vida da colônia) In “Jahrweiser”, Almanaque do Sínodo Riograndense, S. Leopoldo, RS, 1952, págs. 94)99.

EILERS, G. “BRASILEIRO” — Lehrbuch der portugiesischen Sprache Brasiliens-Heidelberg Verlag Julius Gross. Dritte Auflage - 1930, 297 páginas. Ensino da língua portuguesa para alemães. Uma das lições faz referência ao Vale do Itajaí e a Blumenau.

ENDRESS, Siegfried BLUMENAU. WERDEN UND WESEN EINER DEUTSCHBRASILIANISCHEN LANDSCHAFT — (Desenvolvimento e sistema de uma região teuto-brasileira) —

Mit 3 Karten und 16 Abbildungen. Schriften des Deutschen Auslands-Instituts Stuttgart. Neue Reihe. Band 5 - Ochingen 1938. Verlag der Hohenlohe' schen Buchhandlung Ferdinand Ran, 194 páginas com 3 mapas e 16 fotos.

2 — GESCHICHTE DER BESIEDLUNG DES ITAJAI-GEBIETES — (História da colonização da região do Itajaí) - Sonderdruck aus "Der Urwaldsbote", Blumenau. Brasilianische Schriften, nº 2 — Tipografia do "Der Urwaldsbote", Blumenau, 1938, 20 páginas.

ENTRES, Gottfried GEDENKBUCH ZUR JAHRHUNDERT-FEIER DEUTSCHER EINWANDERUNG IM STAATE SANTA CATARINA — (Livro comemorativo aos festejos centenários da imigração alemã no Estado de SC). Livraria Central de Alberto Entres e Irmão - Florianópolis, 1929. 310 páginas. "Obra indispensável aos estudiosos do trabalho alemão no Brasil."

ESPEY, Frei Cleto O.F.M. UNTER DEN BOTOKUDEN IN SÜDBRASILIEN — (Em meio aos Botocudos no sul do Brasil) — Apud "Vita Franciscana", janeiro de 1938, nº 1, página 20 e seguintes. Interessantes narrativas sobre assaltos de botocudos aos colonos de Blumenau.

ESPEY, P. Cletus FESTSCHRIFT ZUM SILBERJUBILÄUM IM SÜDEN BRASILIENS — (Folheto comemorativo ao Jubileu de Prata, no sul do Brasil) — Franziskus Druckerei, Werl in Westfalen, 1929. 175 páginas, com muitas ilustrações. Informações sobre os franciscanos em Blumenau e Rodeio.

FABRI, C. DEUTSCHE SIEDLUNGSARBEIT IM STAATE SANTA CATHARINA SÜD BRASILIEN IM FÜNFJÄRIGEN WERDEGANGE. KRITISCHE STUDIEN — (Trabalhos de colonização alemã no Estado de SC, sul do Brasil, no decorrer de cinco anos. Estudos críticos). Hamburg, Kittlersche Buchhandlung, 1902, 11 páginas.

FAULHABER, H. LEITFADEN FÜR DEN UNTERRICHT DER GESCHICHTE VON BRASILIEN — (Compêndio para as aulas de história do Brasil) — Für die deutschen Schulen Brasiliens, zusammengestellt von Pastor H. Faulhaber. Leiter der "Neuen Schule" in Blumenau in Südbrasilien. Blumenau. Selbstverlag des Verfassers. 1903 — (Trata-se de uma história resumida do Brasil, para as escolas da colônia). Editora A. Guthe, de Bremen, Alemanha - 255 páginas.

“DER URWALDSBOTE” — Kalender für die Deutschen in Brasilien. Edição comemorativa ao cinquentenário de fundação de Blumenau. Blumenau, 1900. Muita matéria interessante sobre a história de Blumenau. Poesias, notícias, estatísticas. 178 páginas. Muitas ilustrações.

FICKER, Carlos DEUTSCHE KOLONISTEN IM PARAGUAY-KRIEG — (Colonos alemães na Guerra do Paraguai) — Separata do “Staden-Jahrbuch, páginas 83 a 101. 11 páginas com ilustrações. Faz referências a Victor von Gilsa, com fotografia deste, e alusão aos voluntários blumenauenses.

SÃO BENTO, DAS WAGNIS EINER KOLONIE-GRÜNDUNG — (S. Bento, a ousadia da fundação de uma colônia) — Sonderdruck aus “Staden-Jahrbuch”. Separata do “H. J.” Tomo 15, págs. 63 a 80. Instituto Hans Staden, São Paulo, 1967.

FISCHER, Martin VIERZIG JAHRE RUSSLAND-DEUTSCHE SIEDLUNGEN IN SANTA CATARINA — (Quarenta anos de colonização russo-alemã em SC). Festgabe zum vierzigsten Jubiläum der Russlanddeutschen in Iracema und Aguinhas — 1930-1970. 136 páginas. Druck und Verlag-Michaelsen & Cia. Ltda. Ijuí - RS - 1970.

FLOS, Max Heinrich UNSERE VÄTER — (Nossos Pais) — Publicado sob os auspícios do sínodo evangélico de SC e PR, pelo pastor Max H. Flos. Rotermund & Cia. Ltda. - S. Leopoldo. 1961, 216 páginas. Contém interessantes artigos sobre a colonização alemã nos três Estados do sul, com muitas referências à Blumenau e ao Vale do Itajaí. Consta a pág. 33, o documento que foi colocado na pedra fundamental da Igreja Protestante, com muitos dados sobre a história de Blumenau.

FOUQUET, Karl KULTURELLE VEREINIGUNGEN IM BRASILIANISCH-DEUTSCHEN BEREICH — (União Cultural na região Teuto-Brasileira) — Conferência Pronunciada em Rolândia em 21 de novembro de 1969. 22 páginas. Instituto Hans Staden, São Paulo.

2 — PASTOR BEGRICH ZUM GEDÄCHTNISS — (À memória do Pastor Begrich) — In “Deutsche Nachrichten”, de 31/01/1971 e in “Brasil-Post”, S. Paulo 6/2/71 e in “Folha Dominical” — S. Leopoldo 22/2/1971.

3 — WAPPAUS UND SEINE MITARBEITER 1846:

BLUMENAU? PHILLIPI? BROMME? -- (Wappaus e seus colaboradores -- 1846) in "Staden Jahrbuch, vol. 18, 1970, págs. 156/159. Também em "Conder", Santiago do Chile, 19/9/1970.

4 — DR. BLUMENAU, ERSTE REISE NACH BRASILIEN — (Dr. Blumenau -- Primeira viagem ao Brasil) -- In "Brasil-Post", S. Paulo, nº 994, pág. 18, de 20/12/1969.

5 — DEUTSCH-BRASILIANISCHE BIBLIOGRAPHIE — (Relação de obras Teuto-brasileiras) -- Vários artigos em "Staden-Jahrbuch, S. Paulo. O anuário de 1963/64 traz já a 6ª série.

6 — HERMANN BLUMENAU — Eine Erinnerung: 1850-1950. Sonderdruck des "Sena-Post Kalenders", 1950. Ijuí. 4 páginas, Artigo comemorativo do centenário de Blumenau.

7 — DOKTOR BLUMENAU — (Dr. Blumenau) -- Zur hundertsten Wiederkehr des Gründungstages seiner Kolonie am 2. September 1950. Separata do "Jahrweiser für die Evangelischen Gemeinden in Brasilien", 1950. Centro de Impressão -- S. Leopoldo, Rotermund & Cia. Ltda., 8 páginas.

8 — DIE GROSSE UND KLEINE KOLONISATION DR. BLUMENAU'S, 1846-50 -- (A grande e pequena colonização do Dr. Blumenau) -- In "Deutsche Nachrichten Brasil Almanach", 1957, de S. Paulo, páginas 73 a 85.

9 — DER VON DER HEYDT'SCHE ERLASS VOM JAHRE 1859 — (Edital de Von Der Heydt) -- In "Staden Jahrbuch", volume 14. 1966 -- páginas 71 a 81.

10 — DEUTSCHER SPRACHUNTERRICHT AN BRASILIANISCHEN SCHULEN — (Aula de alemão nas escolas brasileiras) -- In "Auslands Kurier", Frankfurt a/M, 1967, ano 8, Caderno I, páginas 20 a 21.

FOUQUET, Eugênio DER URWALDSBOTE — Um dos principais órgãos da imprensa blumenauense. Fouquet foi seu redator por mais de 30 anos, tendo publicado numa série de artigos sobre os mais variados assuntos.

DR. FRITZ MÜLLER ZU SEINEM HUNDERTSTEN GEBURTSTAGE — (Ao centésimo aniversário do Dr. Fritz Müller) -- In "Der Urwaldsbote", Blumenau, 31/03 e 04/04/1922.

DIE KONFERENZ IN ROTEN — (A Conferência de Roten) — In “Der Urwaldsbote”, nº 87, de 28/04/1922.

DIE KONFERENZ IM STADIUM DER VERSUMPfung — (A conferência em estado da corrupção) — Ibidem, nº 89 de 05/05/1922.

FREDEN, Hermann von AUSWANDERER — (Emigrantes) — Bilder und Skizzen aus der Geschichte der deutschen Auswanderung — Herausgegeben von Hermann Freden und Georg Smolka. Bibliographisches Institut A. G. Leipzig 1937. 184 páginas com ilustrações.

FULANO, T. H. Pseudônimo do autor do livro DER STURZ DES KAISERTHRONES IN BRASILIEN — (A queda do trono imperial no Brasil). — Vide o anúncio publicado na ocasião na pasta nº 3(4). Livro em poder do Sr. J. Ferreira da Silva.

FUNKE, Dr. Alfred BRASILIEN IM 20. IAHRHUNDERT — (O Brasil no século XX) — Mit 45 Abbildungen und einer Karte — Verlag von Reimar Hobing in Berlin, 1927. 435 páginas. Nos capítulos 12, 13 e 14 o autor trata da colonização alemã no Brasil, com referências à Blumenau e ao Vale do Itajaí.

GEHSE, Dr. Hans DIE DEUTSCHE PRESSE IN BRASILIEN VON 1852 BIS ZUR GEGENWART — (A Imprensa alemã no Brasil de 1852 até o presente) — Ein Beitrag zur Geschichte und zum Aufgabenkreis Auslanddeutscher Zeitungswesen,

GENSCH, Dr. Hugo ZUR KOLONISATIONSFRAGE IN SANTA CATARINA — (Pelo problema da colonização em Santa Catarina) — Apud Album do Cinquentenário de Blumenau — (1900), as págs. 5/25.

2 — DEM ANDENKEN DES DR. FRITZ MÜLLER — (À memória do Dr. Fritz Müller) — Artigo no álbum do Cinquentenário de Blumenau, 1900, pgs. 34 a 39.

3 — SKIZZEN AUS SÜDAMERIKA — (Esboços da América do Sul) — Der Kampf um den Bart. Apud “Der Volksbote”, Kalender, Joinville, 1902, pgs. 94 e seguintes.

4 — DIE ERZIEHUNG EINES INDIANERKINDES — (A educação de uma criança indígena) — 56 páginas, com fofografias. Tese apresentada ao Congresso Internacional Americanista, Viena 1908. Com um vocabulário Kaincang.

5 — EIN INDIANER MÄDCHEN — (Uma moça indígena) — 20 páginas — Edição Teuto-Brasileira, Cadernoll. Trata-se do mesmo trabalho, incompleto, “Die Erziehung eines Indianerkindes.

6 — WOERTERVERZEICHNIS DER BUGRES VON SANTA CATARINA — (Dicionário dos bugres de SC) — Separata da revista “Zeitschrift für Ethnologie”, caderno 5, 1908, páginas 743 a 759.

GERNHARD, Robert FÜNFZIGJÄHRIGES JUBILÄUM DEUTSCHER SIEDLUNGEN IM SÜD-BRASILIANISCHEN STAATE SANTA CATARINA — (Jubileu cinquentenário da colonização alemã no Estado sul brasileiro de Santa Catarina) — Artigo publicado em 1903, no jornal alemão “Vom Fels zum Meer”, comemorativo ao cinquentenário de Joinville e Blumenau. Com ilustrações.

DONA FRANCISCA, HANSA UND BLUMENAU — (D. Francisca, Hansa e Blumenau) — Schlesische Verlagsanstalt, von S. Schottlaender, Breslau, 1901.

REISE-BILDER AUS BRASILIEN — (Impressões de uma viagem pelo Brasil) — Breslau, Schlesische Verlagsanstalt V. S. Schottlaender, 1900. 416 páginas. Das páginas 259 em diante há interessantes informes sobre Blumenau.

GERSTÄCKER, Friedrich DIE KOLONIE — (A Colônia) — Brasilianisches Lebensbild. Neu durchgesehen und herausgegeben von Dietrich Theden. 4ª edição Jena, Hermann Costenoble. 512 págs. Druck von G. Pätz — Hamburgo.

GRONI, von R. SCHLANGEN — (Cobras) — Warnov. Tipografia de G. A. Koehjer — Blumenau, s/ data de publicação, 26 págs. (Apanhado sobre a “defesa contra o ofidismo”, do Dr. Vital Brasil, adaptado as peculiaridades do Vale do Itajaí.

GROSS, Hering Gertrud DER WEG FRAU AGNES BACH — (A Caminhada da Sra. Agnes Bach) — Romance. 1ª edição, 1954. Imprensa Paranaense, Curitiba. 207 pgs.

2 — UND DANN KAM DIE LOESUNG — (E então veio a solução) — Romance. 275 páginas. Tipografia Blumenauense, Blumenau, 1961.

(Continua no próximo número)

# FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972  
Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/7  
Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425  
89100 B L U M E N A U Santa Catarina  
Instituição de fins exclusivamente culturais

---

## São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;  
Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações

## A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"  
Arquivo Histórico  
Museu da Família Colonial  
Horto Florestal "Edite Gaertner"  
Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"  
O Mensário "O LEITOR"  
Tipografia e Encadernação  
(exclusivamente para serviços internos)

Diretor Executivo: *Federico Carlos Allende*

Conselho Curador: *Hercílio Deeke* - presidente  
*Edison Müller* - vice-presidente

Membros: *Elimar Baumgarten* — *Christiana Deeke Barreto* —  
*Isolde Hering d'Amaral* — *Rolf Ehlke* — *Nelo Osti*



# TOALHAS ARTEX

a moda em toalha